

FIRST INTERNATIONAL MEETING OF ISSOW

Work, Social Change and Economic Dynamics: Challenges for Contemporary Societies

27-28 November 2014 :: Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Lisboa

Theme 3) Education and Labour Market

Expetativas e experiências de estudantes de Sociologia face à Sociologia do Trabalho e das Organizações

Catarina Sales Oliveira

csbo@ubi.pt

UBI- Departamento de Sociologia e CIES-IUL

Resumo

As expetativas dos e das estudantes do ensino superior tendem a ser instrumentais, ou seja, mais do que almejar o conhecimento pelo conhecimento, esperam sobretudo que os cursos frequentados e as matérias nestes lecionadas lhes confirmem competências valorizáveis no mercado de trabalho e que lhes permitam o acesso a uma profissão (Saúde, 2006). Estes e estas jovens privilegiam pois a educação como via para o acesso ao mercado de trabalho, na expectativa de uma relação de continuidade entre educação e emprego no sentido do capital humano (Becker, 1983) mesmo tendo em conta que este acesso é presentemente mais marcado por sobressaltos e sinuosidades devido à crise económica e ao crescimento do desemprego, de tal forma que há quem considere que perdeu o sentido falar de inserção preferindo o termo transição que sublinha o carácter contingencial desta fase (Gonçalves et al, 1997).

Neste cenário de complexidade crescente das relações e situações de trabalho, que perspectivas para um estudante de Sociologia que considere uma carreira na área do Trabalho e das Organizações (STO)? Quais as expectativas dos e das discentes em relação a esta área do conhecimento? Pode a lecionação de STO promover a empregabilidade nesta área do conhecimento? Que competências diferenciadoras pode oferecer?

Com estas reflexões como pano de fundo, esta comunicação irá partilhar os resultados de um estudo direccionado para as perceções, expetativas e experiências de estudantes de Sociologia na introdução à área de Sociologia do Trabalho e das Organizações procurando compreender de que forma o contacto com esta área do conhecimento os e as marca no sentido da seleção das suas áreas de interesse bem como da perceção dos fenómenos do emprego, do trabalho e do seu próprio trajeto de inserção profissional.

Palavras chave: Sociologia do Trabalho e das Organizações, expetativas de inserção profissional, expetativas académicas, experiências académicas

Introdução

O contexto de alargamento do acesso ao ensino superior em Portugal a partir da segunda metade da década de setenta do século passado criou palco para o questionamento das motivações dos e das estudantes que acedem a este patamar de ensino. Anteriormente o ensino superior em Portugal era um nível educacional acessível apenas a um pequeno grupo da população caracterizado pela reprodução geracional de um modelo de qualificações elevadas e considerável capital intelectual e conotado com os estratos sociais mais elevados (Barreto, 2001). Após a Revolução de Abril foi promovida, política e socialmente, a escolarização mediante as medidas que vão desde a alfabetização da população adulta, o alargamento progressivo da escolaridade obrigatória e até ao incentivo ao acesso ao ensino superior, que durante os anos noventa vai

praticamente duplicar (Guerreiro e Abrantes, 2007). " A frequência do Ensino Superior em Portugal nas últimas foi, sem dúvida, uma das mudanças mais significativas do país nas últimas décadas. Em 50 anos, o número de alunos a frequentar este nível de ensino subiu cerca de 16 vezes, passando de 24.149 estudantes em 1960/1961 para 396.268 em 2010/2011. Em 1981, a taxa bruta de escolarização deste nível de ensino era de 10,9%, enquanto em 2010 conseguiu-se 53,8%" (Cerdeira, 2012).

Esta evolução correspondeu a um inequívoco processo de mobilidade social de muitos e muitas jovens que pertencendo originalmente a estratos sociais mais desfavorecidos vão na sequência deste processo de educação e subsequente inserção profissional constituir as famílias que compõem as atuais novas classes médias portuguesas com modos de vida muito distintos da geração anterior (Guerreiro e Abrantes, 2007; Sales Oliveira, 2015).

Contudo a crise financeira dos últimos anos vem introduzir algumas alterações a este processo e é já patente um decréscimo no número de alunos e alunas que ingressam no ensino superior bem como no número de vagas disponíveis (DGEEC/MEC, PORDATA, 2014) Este decréscimo é também fruto de outros fatores estruturais, como o decréscimo da natalidade das últimas décadas, mas ainda assim é patente que estamos perante um movimento de retração daquele que foi uma das maiores expansões até 2010.

Neste contexto, como evoluiu o processo motivacional para a entrada no ensino superior? Se nos anos sessenta era uma opção de uma minoria e era visto como uma quase entrada direta para um percurso profissional de excelência, nas décadas seguintes a massificação deste ingresso introduziu uma maior competitividade nos processos de inserção no mercado de trabalho para os postos mais qualificados mas ainda assim a juventude portuguesa manteve-se pressionada "por familiares e amigos, a seguir uma formação superior, considerando-se todas as outras opções como inferiores e desprestigiantes". (Guerreiro e Abrantes, 2007: 61). Nos últimos anos porém este cenário altera-se com o aumento do número desempregados e desempregadas jovens (37,7% em 2012 segundo o Inquérito ao Emprego do INE desse ano) grupo no qual os e as jovens licenciados e licenciadas se inserem se bem que em menor número (11,7%). A mediatização destes indicadores, nem sempre desagrupados, têm criado condições para uma diferente perceção da importância e relevância dos e das jovens e das suas famílias quanto perspectivam as opções

de futuro da juventude estudantil. Acresce aqui a maior dificuldade das famílias em suportar os custos da frequência do ensino superior, quando grande parte dos agregados enfrentam situações de desemprego e/ou de decréscimo dos rendimentos disponíveis (INE, 2014).

Neste cenário que vimos da evolução do ensino superior em Portugal, a análise das motivações e expectativas de jovens estudantes do ensino superior é uma temática trabalhada há relativamente pouco tempo e que tem sido empreendida sobretudo pelas áreas da psicologia e das ciências da educação (o que se compreende pela própria natureza do seu objeto de estudo) mas recentemente cada vez mais no seio das instituições de ensino superior numa lógica de reflexão sobre os resultados dos processos educativos e dos seus actores (Torres et al, 2013; Almeida et al, 2006; Soares et al, 2014; Marques e Alves, 2010; Cabral, 2013). Alguns autores e autoras falam-nos de atitudes eminentemente instrumentais sublinhando que os e as discentes esperam sobretudo que os cursos frequentados e as matérias nestes lecionadas lhes confirmem competências valorizáveis no mercado de trabalho e que lhes permitam o acesso a uma profissão (Saúde, 2006). Um estudo recente destaca o pragmatismo dos e das estudantes que esperam, sobretudo, garantir o seu lugar no mercado de trabalho, sem ilusões de orientação vocacional (Torres et al, 2013:434). Estes resultados apontam então para uma expectativa de uma relação de continuidade entre educação e emprego no sentido do capital humano (Becker, 1983) mesmo agora, num contexto em que tal começa a ser representado como de difícil concretização (Ramos et al, 2014).

De facto, em poucas décadas, transitou-se de um cenário de boas perspectivas de empregabilidade para licenciados e licenciadas para um contexto em que, apesar de estudos recentes confirmarem a importância do diploma como elemento protetor do desemprego, se torna evidente que cada vez mais os percursos profissionais são “permeados frequentemente pela pluralidade de estatutos perante o trabalho e pela vivência de situações de desqualificação profissional” (Ramos et al, 2014:2).

Esta rápida mudança coloca os e as jovens e as famílias num impasse: em que medida vale a pena apostar numa formação superior? Ir para a universidade com que objetivos? De curto, médio ou longo prazo? A universidade para quem gosta de estudar ou para quem acha que estudar é (ainda) uma boa aposta? (Guerreiro e Abrantes, 2007; Silva e Ferreira, 2009)

Estas são as questões de fundo que enformaram a nossa pesquisa que se vai agora centrar na área científica da Sociologia e dentro desta na sua área temática das Organizações e do Trabalho.

Segundo dados da ASA (Spalter-Roth and Van Vooren, 2008) em 2007 a área da gestão e das organizações era a terceira área de maior empregabilidade de pessoas formadas em Sociologia, a seguir às áreas da intervenção e cuidados sociais e do apoio administrativo. Um estudo posterior de acompanhamento da inserção profissional de formados e formadas em Sociologia mostra porém que a presença em empregos ligados à gestão diminuiu 10 pontos percentuais mas simultaneamente revela que esta área é, juntamente com a área da investigação, aquela que os inquiridos e inquiridas mais identificam com um percurso de carreira profissional (Spalter-Roth and Van Vooren, 2013). Em Portugal, o inquérito a pessoas formadas em Sociologia levado a cabo pela APS (2014) mostrou que a formação em sociologia é considerada adequada às funções desempenhadas pela grande maioria daqueles e daquelas que responderam e aumenta ao longo do tempo a perceção dessa adequação.

Sendo a Sociologia uma área científica recente em Portugal - a primeira licenciatura em Sociologia iniciou em 1974 (Machado, 2009) - mas sendo por outro lado a área do Trabalho e das Organizações um dos campos teóricos da Sociologia mais emblemáticos e com maior tradição (Freire, 2001) questionamos:

- Que perceções e experiências dos e das estudantes de Sociologia (da UBI) face à unidade curricular de Sociologia do Trabalho e das Organizações?
- Como encaram esta área do conhecimento?
- Que ligação às suas expectativas de inserção profissional?
- Que ligação aos seus interesses de investigação?

Estudo empírico

Este estudo foi realizado no contexto da direção de curso de Sociologia na UBI e da lecionação da unidade curricular de Sociologia do Trabalho e das Organizações. O curso de Sociologia da UBI existe desde 1987/88, a segunda licenciatura da Unidade Orgânica de Ciências Sociais e Humanas, sendo que a primeira tinha sido a Gestão. A licenciatura sofreu diversas reformulações sendo das primeiras a em meados da primeira década desde século transitar para o modelo de Bolonha com um curso totalmente adaptado a este modelo. Acontece que na passagem do curso

de 4 anos para os 3 anos de acordo com Bolonha, o curso havia deixado de ter UC obrigatórias da área da STO, ficando a área representada somente por uma unidade curricular optativa, Emprego e Culturas Profissionais.

Em 2011 e após dois ciclos de estudos completos de acordo com Bolonha, a Comissão de Curso de Sociologia da UBI decidiu reformular o curso e é criada a UC obrigatória de Sociologia do Trabalho e das Organizações com início no ano letivo de 2011/12.

Este estudo exploratório foca os anos letivos de 2011/12, 2012/13 e 2013/14, procurando analisar as expectativas e experiências dos e das discentes desta unidade curricular relativamente à mesma e à área do Trabalho e das Organizações. Para tal foi accionada uma metodologia de cariz quantitativo que promoveu a análise de materiais estatísticos disponíveis da UBI bem como dados próprios, obtidos por via de um inquérito por questionário conduzido em Outubro de 2014 e aplicado à atual turma de 3º ano em Sociologia da UBI.

Foram analisados os seguintes materiais:

- Pautas finais de avaliação dos 3 anos
- Peso da área da STO em projetos de licenciatura e mestrado
- Questionários de satisfação dos 3 anos
- Questionário de perceções e experiências aplicados em 2014 a alunos e alunas que frequentaram a UC nos anos letivos 2012/13 ou 2013/14

Resultados

O quadro seguinte apresenta os resultados académicos na unidade curricular de Sociologia do Trabalho e das Organizações, nos 3 anos de lecionação da disciplina. A taxa de aprovação tem vindo a aumentar mas simultaneamente a média da nota final tem diminuído. Os grupos são geralmente grandes, não obstante (e de acordo com o modelo de Bolonha) a metodologia de ensino-aprendizagem promovida é de cariz teórico-prático combinando uma sessão semanal de exposição teórica com uma sessão prática de realização de trabalhos, interpelações e análise de materiais conduzida pelos alunos e alunas com o apoio tutorial da docente.

2011/12	2012/13	2013/14
Turma com 44 alunos/as Taxa de aprovação de 75% com notas entre 10 e 16 valores Média de 13,1; Moda de 14	Turma com 28 aluno/as Taxa de aprovação de 86% com notas entre 11 e 16 valores Média: 13,2 valores; Moda de 13 valores	Turma com 47 alunos/as Taxa de aprovação 89% com notas entre 10 e 14 valores Média de 11,6; Moda de 11

No ano de 2012/13, o ano letivo em que a primeira turma que teve a unidade curricular de STO chegou ao terceiro ano, 16% dos projetos de final de curso focaram as temáticas do Trabalho, Emprego ou Organizações. No ano letivo de 2013/14 foram apenas 7% e no corrente ano letivo houve uma subida assinalável com 27% dos projetos a focarem esta área.

Já nos dois cursos de Mestrado do departamento de Sociologia da UBI constatou-se que a área do Trabalho e Organizações tem uma relevância muito assinalável: em 2012/13, 7 em 15 planos de dissertação/projeto de mestrado eram nesta temática, o que representa 46% do total dos planos de trabalho; no ano seguinte 2013/14 houve uma descida para 28%. Analisando por curso de mestrado verificamos que é em Empreendedorismo e Serviço Social que a área Trabalho e Organizações está mais presente, com um valor impressionante de 64% do total de planos de trabalho dos dois anos letivos analisados.

No ano corrente, 12 em 36 projetos (33%) de licenciatura e 8 em 15 planos de trabalho de mestrado/projeto (53%) são na área do Trabalho e das Organizações.

O quadro seguinte apresenta um resumo da análise dos inquéritos de satisfação administrados às alunas e alunos nos 3 anos. De destacar que até ao ano letivo passado as taxas de resposta eram relativamente baixas. No ano passado enfatizou-se a importância do preenchimento junto das turmas e foi dado o espaço de uma aula¹ para esta tarefa com assinalável sucesso.

¹ Com a ausência do ou da docente, de forma a garantir a neutralidade do preenchimento

Resultados Inquéritos de satisfação da UC STO

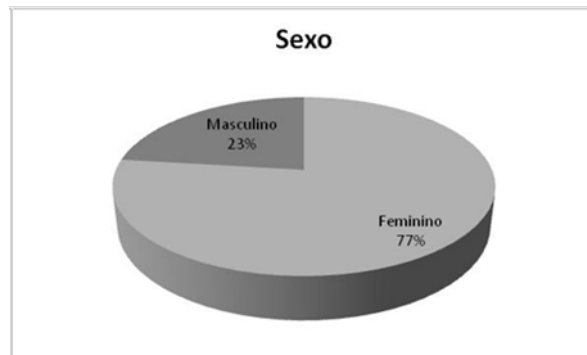
2011/12 Tx resposta 30%	2012/13 Tx resposta 21%	2013/14 Tx resposta 50%
<ul style="list-style-type: none">•88,9% dos e das discentes <u>respondentes</u> considera que atingiu os objetivos de aprendizagem•52,4% considera que a UC exigiu mais tempo do que seria expetável•77,8% está satisfeito/a com o seu desempenho na UC	<ul style="list-style-type: none">•100% dos e das discentes <u>respondentes</u> considera que atingiu os objetivos de aprendizagem•66,7% considera que a UC exigiu mais tempo do que seria expetável•100% está satisfeito/a com o seu desempenho na UC	<ul style="list-style-type: none">• <u>Alteração do inquérito</u>•88,3% considera que a carga de trabalho exigida na UC está de acordo com os ECTS da mesma•100% considera que os conhecimentos adquiridos na UC são úteis para a sua formação

Destaca-se que 88,9% dos e das discentes respondentes no anos de 2011/12 3 2012/13 considera que atingiu os objetivos de aprendizagem. O ano passado essa questão foi descontinuada. Chama-se a atenção para a questão relacionada com o tempo despendido com a unidade curricular: enquanto nos dois primeiros anos a tendência era para os e as discentes assinalarem de forma enfática que despendiam mais tempo com a disciplina do que seria expectável, quando a formulação da questão muda, passando a confrontar a carga de trabalho com os ECTS da unidade curricular a tendência da resposta muda. Não sendo possível isolar a influência da formulação visto que se tratam de populações diferentes em cada ano, consideramos ainda assim que estes resultados são de assinalar.

Consideramos que os dados apresentados até agora são importantes para percebermos o interesse das turmas pela área do trabalho e das organizações mas considerámos essencial aplicar um inquérito por questionário diretamente à atual turma de 3ºano, que frequentou a unidade curricular de Sociologia do Trabalho e Emprego sobretudo no ano letivo transato (embora como vamos constatar adiante, alguns e algumas frequentaram em outros anos letivos, são discentes que ficaram retidos por ECTS insuficientes para transitar integralmente para o último ano até ao atual ano letivo. O questionário procurou compreender as expetativas e experiências de alunas e alunos nesta unidade curricular bem como em relação à área temática em geral.

O inquérito era composto doze questões, abertas e fechadas e foi aplicado à turma de 3º ano em Sociologia da UBI em Outubro de 2014, em contexto de sala de aula.

Obtiveram-se 39 respostas, a totalidade dos e das presentes, dos quais 28 frequentaram a unidade curricular em 2013/14 (ano em que houve 47 discentes pelo mas apenas 33 transitaram diretamente para o terceiro ano) e 11 no ano letivo de 2012/13. As idades dos e das discentes variam entre os 20 anos e os 68, sendo no entanto que apenas um discente está na faixa etária sénior, o aluno ou aluna mais velho a seguir tem 31 anos.



Este gráfico ilustra a elevada feminização da turma com 30 mulheres face a 9 homens.

Questionados e questionadas sobre uma temática ou situação letiva que recordem bem, em contexto de pergunta aberta, os alunos e alunas destacaram o tema dos modelos de organização do trabalho designado pela maioria por "Taylorismo e Fordismo". Logo a seguir porém vem a temática dos Recursos Humanos, que na verdade na unidade curricular não é abordada da perspetiva da Gestão, mas foi com a designação de Gestão de Recursos Humanos que 7 respondentes designaram a temática que mais os ou as teria marcado. De destacar ainda a referência ao filme Recursos Humanos, visualizado em contexto de aula e objeto de debate e trabalho de análise e a questão da desigualdade de género. O projeto de turma refere-se a uma pequeno trabalho prático de investigação efetuado no ano letivo de 2011/12 e por essa razão passível de ser mencionado apenas pelos 11 discentes que frequentaram a UC nesse ano letivo.



Como sugestão de melhoria ao programa da unidade curricular foi sugerido por 5 discentes que se aprofundasse a temática dos recursos humanos e por 4 as questões do desemprego. Houve depois menções isoladas (apenas uma pessoa indicou) às temáticas da desigualdade de género no trabalho e emprego, associativismo, sindicalismo, tecnologia e emigração.

Questionados e questionadas sobre o seu interesse em aprofundar esta área do conhecimento, 89,7% manifestaram interesse, como se pode ver na tabela seguinte.

Interesse em aprofundar a temática da STO

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Sim	35	89,7	89,7	89,7
	Não	4	10,3	10,3	100,0
	Total	39	100,0	100,0	

E 22 em 39 têm interesse vir a trabalhar nesta área:

Interesse em trabalhar na área da STO

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Sim	22	56,4	56,4	56,4
	Não	17	43,6	43,6	100,0
	Total	39	100,0	100,0	

Não existe associação significativa estatisticamente com o sexo mas a leitura da tabela cruzada das duas variáveis mostra que dos 9 homens respondentes, 7 revelou interesse em trabalhar nesta área, enquanto nas mulheres a distribuição é perfeitamente equitativa: 15 têm interesse e 15 não têm.

Pretendendo compreender em que medida a unidade curricular tem um papel importante na disseminação da área de conhecimento do Trabalho e das Organizações, na sequência da questão anterior se esse interesse era prévio ou se nasceu com a frequência da disciplina. Responderam 21 discentes (22 tinham mostrado interesse na questão anterior) e destes onze afirmou ter interesse prévio e dez ter sido um interesse posterior.

Destes vinte e um que gostariam de vir a trabalhar em STO, quinze indica a área dos Recursos Humanos (designada por Gestão de Recursos Humanos pela maioria), um o Direito do Trabalho, três a investigação, um a Consultoria e um a Formação Profissional.

Solicitados e solicitadas a dizer de forma livre o que pensam ter ganho com a frequência da unidade curricular de Sociologia do Trabalho e das Organizações, diversas respostas foram dadas mas apresentamos aquelas que reúnem alguma incidência de resposta:

“permitiu-me consolidar o meu interesse na área de GRH”

“Fez-me considerar que esta é uma área relevante”

“Perceber melhor o fenómeno do trabalho”

“Deu-me uma ideia mais clara do que são as organizações e a importância dos indivíduos nestas”

Conclusão

Este estudo teve carácter exploratório e os seus resultados cingem-se necessariamente ao curso de Sociologia da UBI e aos seus e suas discentes dos últimos três anos, não sendo passível de generalizações. Tendo isto sempre presente consideramos que se destaca nos resultados um inequívoco interesse da discência pela temática do Trabalho e das Organizações, patente na escolha do tema para projeto de final de licenciatura e sobretudo para tema de investigação de mestrado. Os resultados do inquérito próprio aos atuais alunos e alunas finalistas permitiram

vislumbrar de mais perto alguns dos contornos deste interesse, sendo no entanto importante ressaltar que todas as indicações obtidas carecem de maior aprofundamento.

Assim percebeu-se que a área dos Recursos Humanos, conotada tendencialmente com a Gestão, é a área que mais interesse lhes desperta no programa da unidade curricular, que mais sugerem aumentar em termos de programa e que mais gostariam de vir a trabalhar, sendo que 11 em 39 discentes já tinha esse interesse antes de frequentar a disciplina de Sociologia do Trabalho e das Organizações.

De assinalar porém os outros interesses manifestados pela área, como por exemplo o facto de vinte respondentes considerarem que os e as marcou a temática dos modelos de organização do trabalho, o que parece indicar uma perspetiva mais estrutural face ao tema do Trabalho e nas diferentes perguntas abertas terem sido mencionados aspetos como as desigualdades de género, o sindicalismo, emprego e desemprego, entre outros temas bem como interesse na investigação em STO.

Assim, parece-nos que se evidencia uma certa lógica de continuidade entre aquilo que os e as discentes estão a estudar e o seu interesse nessas matérias com as expetativas de inserção profissional. O interesse em aprofundar a temática da Sociologia do Trabalho e das Organizações afigura-se consonante com o interesse em trabalhar nesta área para 56% dos e das estudantes. Contudo parece-nos também que não só no confronto destas duas respostas como oriundo de várias outras exploradas acima, fica patente um *interesse em estudar* eventualmente mais lato do que o *interesse pragmático de aplicar* - os e as treze discentes que querem aprofundar o conhecimento mesmo não tendo especial interesse em vir a trabalhar na área juntamente com todos os alunos e alunas que estão a levar a cabo projetos de investigação nesta área contrariando a expetativa de uma tendência generalizada de instrumentalização do conhecimento pelos e pelas discentes. Parece-nos coexistir as duas atitudes, **aprender pelo saber** e **aprender para fazer** e eventualmente uma certa separação científica entre as duas conotando o saber fazer com a Gestão e "deixando" à Sociologia o interesse por temas mais relacionados com a estrutura social.

Bibliografia

- Almeida, L. S., Guisande, M. A., Soares, A. P., e Saavedra, L. (2006). “Acesso e sucesso no Ensino Superior em Portugal: questões de género, origem sócio-cultural e percurso académico dos alunos”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3),507-514.
- APS (2014) Primeiro Inquérito às Práticas Profissionais dos Diplomados em Sociologia – Principais resultados. Disponível em http://www.aps.pt/cms/files/conteudos/file/DESTAQUES%20NEWSLETTER/Resultados_emprego%20sociologos.pdf (visualizado a 25 Outubro 2014)
- Barreto, A. (2000) (org.) *A situação social em Portugal, 1960-1999*, Lisboa, ICS.
- Cabral, A. (2013) “A inserção profissional dos diplomados do ensino superior: Das aprendizagens académicas às competências profissionais requeridas pelo mercado de trabalho” in Marques et al (Coord) in *Trabalho, organizações e profissões: recomposições conceptuais e desafios empíricos*. APS Seção Temática Trabalho, Organizações e Profissões disponível in http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR45f990cfec68a_1.pdf (visualizado a 20 Outubro 2014)
- Cerdeira, L. (2012) Os Desafios da acessibilidade no ensino superior: o caso dos estudantes portugueses no contexto internacional in Atas da Segunda Conferência Forges, Instituto Politécnico de Macau, 6,7,e 8 Novembro 2012 disponível in http://aforges.org/conferencia2/docs_documentos/Paralela_2/Cerdeira_Luisa%20%28UL-IE%29.pdf (visualizado a 17 Outubro 2014)
- DGEEC/MEC, PORDATA (2014) Alunos matriculados pela 1.ª vez no ensino superior: total e por sexo disponível in <http://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+pela+1.a+vez+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-1047> (visualizado a 17 Dezembro 2014)
- Freire, J. (2001) , *Sociologia do Trabalho: uma introdução*, Afrontamento, Porto, 2º edição
- Guerreiro, M. D. e Abrantes, P. (2007) *Transcrições Incertas. Os Jovens perante o Trabalho e a Família*. Coleção Estudos, 2. Lisboa: CITE
- INE (2012). Inquérito ao emprego – terceiro trimestre 2012. Lisboa: INE
- INE (2014). Inquérito às Condições de Vida e Rendimento (EU-SILC) – 2013. Lisboa: INE
- Machado, F. L. (2009), "Meio século de investigação sociológica em Portugal - uma interpretação empiricamente ilustrada". *Sociologia*, 19, pp. 283-343 disponível in <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7212.pdf> (visualizado a 10 Outubro 2014)
- Marques, A. P. e Alves, M. G. (2010) *Inserção profissional de graduados em Portugal. (Re)configurações teóricas e empíricas*. V.N. Famalicão: Editora Húmus
- Ramos, M., Parente, C. e Santos, M. (2014) Os licenciados em Portugal: uma tipificação de perfis de inserção profissional. *Educ. Pesqui.* [online], vol.40, 2, 383-400 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022014000200006&lng=en&nrm=iso (visualizado a 10 Janeiro 2015)
- Sales Oliveira (2015). “(Auto)mobilities and social identities in Portugal” *Sociologia, problemas e práticas*, 77, pp 137-151 disponível in <http://revistas.rcaap.pt/spp/article/download/6222/4898> (visualizado a 10 Janeiro 2015)
- Spalter-Roth, R. and Van Vooren, N. (2008) “What are they doing With a Bachelor's Degree in Sociology? – Data brief on current jobs”. Department of Research on the Discipline and Profession, American Sociological Association. Disponível em <http://www.asanet.org/research/BachelorsinSociology.pdf> (visualizado a 20 Setembro 2014)
- Spalter-Roth, R. et al (2013). “Strong Ties, Weak Ties, or No Ties: What Helped Sociology Majors Find Career-Level Jobs? Department of Research on the Discipline and Profession, American Sociological Association. Disponível em http://www.asanet.org/documents/research/pdfs/Bach_Beyond5_Social_Capital.pdf (visualizado a 20 Setembro 2014)

Silva, S. e Ferreira, J. (2009) Família e ensino superior: que relação entre dois contextos de desenvolvimento? *Exedra*, 1, 101-126 disponível in <http://www.exedrajournal.com/docs/01/101-126.pdf> (visualizado a 20 Outubro 2014)

Soares et al (2014). “O impacto das expectativas na adaptação acadêmica dos estudantes no Ensino Superior”. *Psico-USF, Bragança Paulista*, 19, (1), 49-60, jan./abril disponível in <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29263/1/O%20impacto%20das%20expectativas%20na%20adapta%C3%A7%C3%A3o%20acad%C3%AAmica%20dos%20estudantes%20no%20Ensino%20Superior.pdf> (visualizado a 12 Outubro 2015)

Torres, Leonor et al (2013) “Da distinção à transição: percursos académicos de alunos de excelência na escola pública” in Atas do VI Seminário Luso-brasileiro Educação, trabalho e movimentos sociais, Instituto e Educação e Lisboa, 12 e 13 de Setembro de 2013 disponível in <http://selubet2013.ie.ul.pt/wp-content/uploads/2014/08/ID174.DA-DISTIN%C3%87%C3%83O-%C3%80-TRANSI%C3%87%C3%83O.-PERCURSOS-ACAD%C3%89MICOS-DE-ALUNOS-DE-EXCEL%C3%8ANCIA-NA-ESCOLA-PUBLICA.pdf> (visualizado a 2 Novembro 2014)